

Elisa Pereira Gonsalves

Organizadora

Educação e Grupos Populares:

temas (re)correntes

Colaboradores:

Danilo Streck

Edla Eggert

Eymard Mourão Vasconcelos

Luiz Gonzaga Gonçalves

Reinaldo Matias Fleuri

Maria Teresa Esteban



Bioteca Fleuri

Av. 635 e + Fleuri 617 s
002


Alínea
EDITORA

.....

Sonho que se Sonha Junto é Realidade!

Considerações em Torno da Construção da Escola Democrática e Popular

Reinaldo Matias Fleuri
Universidade Federal de Santa Catarina

.....

Em uma de suas “estórias”, Rubem Alves fala de um patinho selvagem que, não tendo aprendido de pequeno a voar, é preso por caçadores e transformado em um pato doméstico. A liberdade é uma dádiva da disciplina. O mesmo autor, em outra ocasião, questiona a história de Pinóquio – um bonequinho de pau que se transforma em criança após ter frequentado a escola – por induzir à idéia de que “quem não vai à escola não chega a ser humano”. Na realidade, diz Rubem Alves, muitas vezes acontece que crianças de carne e osso entram na escola, para saírem transformadas em bonecos de pau.¹

Entre as duas fábulas, encontramos um paradoxo. A disciplina é necessária para formar as pessoas para a liberdade. Mas a disciplina, que se exercita de maneira padronizada, embota dimensões fundamentais do ser humano: a criatividade, a solidariedade, a imaginação, a própria liberdade!

A formação para a liberdade exige dedicação e método. Mas, ao mesmo tempo, flexibilidade e abertura para interagir construtiva e criticamente com o ambiente social. É exatamente este um dos

1. A estória do “Pato que não sabia voar” encontra-se publicada no livro de Rubem ALVES, *Estórias para pequenos e grandes*. São Paulo: Paulinas, 1984. “Pinóquio às avessas” se encontra no livro de Rubem ALVES, *Estórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1986, p. 9 e pp. 31-34.

grandes desafios que se coloca no processo de construção da escola democrática e popular.

O movimento da Constituinte Escolar no Estado do Rio Grande do Sul manifesta intenções que configuram novos significados da prática educativa escolar. Nesta perspectiva, vamos comentar algumas das questões levantadas nos relatos de experiências durante o seminário². Buscaremos identificar, nos depoimentos, as respostas e propostas que a prática de escolas do Rio Grande do Sul vem construindo neste contexto de reforma curricular.

Os agentes educativos não são apenas os professores e seus diretores, mas são todas as pessoas que interagem na escola.

Vamos nos orientar pelas seguintes perguntas: quem são os sujeitos principais destas práticas escolares, que processos de planejamento dos objetivos estão sendo criados, que métodos e conteúdos pedagógicos estão se desenvolvendo e que significado está assumindo a avaliação educacional nessas escolas?³

A primeira questão se refere aos sujeitos do processo educativo. Normalmente se considera a escola como o prédio, ou sua documentação burocrática. Mas, na realidade, são as pessoas que contam e estas se educam

2. No Seminário Regional "Construindo a Escola Democrática e Popular", promovido pela 28ª. CRE/RS, participei como debatedor das experiências apresentadas na mesa *Construção da Escola Democrática e Popular no cenário educacional brasileiro* e na mesa temática 1 *Construção Curricular: interdisciplinaridade, tema gerador, pesquisa participante...*, que tiveram lugar em Cachoeirinha, dia 20, e em Alvorada, dia 21 de junho de 2001. Neste texto, vou relatar minhas observações, tecendo alguns comentários, sobre as experiências apresentadas por quatro escolas situadas em Viamão, Escola Estadual de Ensino Médio Ayrton Senna da Silva, Escola Estadual de Ensino Fundamental Canadá, Escola Estadual de Ensino Médio Açorianos e Escola Estadual Setembrina, assim como pela Escola Estadual Morada do Vale II, de Gravataí, pela Escola Estadual de Educação Básica Luiz de Camões, de Cachoeirinha, e pela Escola Itinerante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) do RS. Desculpo-me, de antemão, por eventuais imprecisões quanto aos nomes de pessoas e instituições mencionadas. No calor dos debates, posso ter registrado incorretamente alguns particulares. No entanto, o significado dos depoimentos, ao que me parece, foi referenciado adequadamente.
3. Já desenvolvi uma reflexão sobre estas questões no meu livro *Educar, para quê?* 9.ed. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 47-60.

na medida em que estabelecem relações, instituindo significados e construindo histórias.

A professora Genair, ao se transferir para a Escola Morada do Vale II, voltou a morar no bairro do qual tinha se mudado, quando a urbanização do conjunto residencial estava apenas começando. Encontrou agora ruas já arborizadas, casas com jardins. Tudo era muito diferente de vinte anos atrás, quando assistira à construção do bairro. Naquela época, máquinas desmatavam a floresta fechada, abriam ruas, faziam as redes de esgoto, de água e de energia elétrica. O que era ainda um projeto do bairro Morada do Vale agora já são três conjuntos residenciais completamente urbanizados, com cerca de 11.000 casas e 44.000 pessoas. Ao voltar a morar neste bairro, para assumir o cargo de direção na nova escola, poucos estudantes e professores conheciam a origem da comunidade. Rememorar esta história foi o primeiro passo para construir o plano político pedagógico da escola. Havia muita resistência, entre todos, para discutir e elaborar o plano político pedagógico, porque geralmente este representava um texto que ficava guardado na gaveta.

Era preciso sentir e conhecer o dia-a-dia da escola e da comunidade. As coordenadoras da escola chamaram a comunidade para construir o calendário escolar. Todos foram convidados: alunos, pais, funcionários, professores. Independentemente da sua formação, cada pessoa tinha uma contribuição importante a dar. Organizaram-se por comissões. Ao montar juntos o calendário e elaborar o plano político pedagógico, todos se tornam co-responsáveis. O movimento da Constituinte Escolar veio alimentar um contexto favorável para animar a comunidade escolar. Ativaram-se o grêmio de alunos, a associação de professores, as coordenações pedagógicas.

Esta parece a principal “descoberta” ocorrida em muitas comunidades escolares, sob o impulso do movimento da Constituinte Escolar no Rio Grande do Sul: os agentes educativos não são apenas os professores e seus diretores, mas são todas as pessoas que interagem na escola: pais e mães, estudantes, educadores, funcionários, coordenadores, administradores. É verdade que aqueles que exercem funções de liderança têm um papel importante na condução do trabalho educativo. Mas a educação se processa nas relações entre todos. E também não basta deter competências técnicas ou institucionais: é preciso que as

pessoas estejam motivadas e se dediquem a produzir relações educativas. Quem não ama não consegue educar!

O professor Francisco leciona Geografia desde 1984. Hoje é professor na Escola Estadual de Ensino Fundamental Canadá, uma escola agrícola situada no município de Viamão: *Até 1996 – diz o professor – eu vivia reclamando do governo e, de certa forma, acomodado na precariedade da escola. Me dei conta que deveria fazer mais do que as tarefas corriqueiras. Percebi que, por vezes, sem ter quase nada, se tem quase tudo. Porque temos as pessoas com quem compartilhar e construir, mesmo em situações adversas. Percebi que muita coisa tinha que ser construída. Hoje, sinto que, na escola, tenho 120 filhos, inclusive os dois de minha família. Entrar na sala para ensinar Geografia é bom. Mas entrar na sala de aula para construir relações criativas é muito melhor.* Prof. Francisco gosta do que faz. Por isso, faz bem e entusiasma os estudantes. Ele descobriu que podia ensinar Geografia brincando. E vem desenvolvendo com seus estudantes muitos jogos didáticos.

A mesma paixão de ensinar e aprender encontramos entre os educadores e educandos na escola Ayrton Senna da Silva, em Viamão. Fundada em 4 de maio de 1992, a escola era conhecida como a Escola do Fundão. No bairro reinavam violência, assaltos, tráfico de droga. Pouco tempo após sua inauguração, a escola já tinha virado um “barraco”: 1200 vidros quebrados, vasos e pias roubados. A nova direção pediu ajuda aos moradores para reconstruir a escola e mudar a cultura de violência imperante na comunidade. Ao longo do tempo, foi se consolidando a decisão de se romper com a cultura egoísta, consumista, e construir uma nova cultura solidária. Este se tornou o fio condutor do plano político pedagógico da escola Ayrton Senna da Silva.

Para os educadores desta escola, o centro do trabalho educativo é o ser humano e não apenas a preparação técnica para o trabalho. Consideram o estudante como pessoa. Contrapõem-se criticamente aos preconceitos transmitidos pela mídia, relativos à situação do bairro, da escola e dos seus alunos, e procuram construir relações a partir da vida. *A escola era acusada de esconder um aluno traficante. Mas os educadores procuraram acolhê-lo, dar-lhe afeto e construir com ele alternativas de vida. Os efeitos, mesmo que lentos e invisíveis, são humanamente gratificantes. Um aluno, de pichador virou grafiteiro, desenvolvendo-se como artista*

— conta com entusiasmo o Professor Antonio. Maristela, *uma aluna*, dá seu depoimento: *Voltei a estudar. Fui acolhida tão calorosamente pela escola, que me apaixonei pelo estudo e pela escola.*

E como resgatar a participação dos pais e das mães na vida da escola? Os pais e as mães, assim como os parentes responsáveis pelas crianças, têm experiência de vida, são educadores, têm conhecimento da luta diária para sobreviver. Portanto, é preciso superar a cômoda atitude de criticá-los porque não vêm à escola ou, quando eles vêm, limitar-se a apresentar censuras aos seus filhos. É preciso ouvi-los, acolhê-los na vida da escola, considerá-los personagens centrais do trabalho educativo.

Mais do que abertura e acolhimento aos familiares e aos responsáveis pelos estudantes, a escola vem se empenhando em se abrir e se inserir na vida da comunidade do bairro.

Nayara, coordenadora pedagógica da Escola Ayrton Senna da Silva, narra a participação da escola no Orçamento Participativo.

Os representantes da escola apresentavam nas comissões o que a escola precisava e verificavam em que a escola podia contribuir na comunidade. Uma destas atividades foi a participação da escola no Comitê de Desenvolvimento da Região, particularmente no projeto de recuperação de áreas degradadas. Essa atividade intensificou o vínculo da escola com a comunidade de tal modo que *estamos com a comunidade, da mesma forma que a comunidade está com a escola*. Mais de 100 voluntários trabalham na escola, prestando assessoria, contribuindo na merenda, no recreio, e com muito entusiasmo e paixão. Os pais vêm para a escola trazidos pela paixão dos estudantes. A gratificação que este trabalho proporciona a todos é maior do que a tendência a permanecer acomodados. Assim cresce o carinho para com a equipe e a comunidade escolar, não simplesmente o respeito pelo prédio da escola. E todos se descobrem como integrantes da equipe de educadores: não apenas os professores e assessores, mas, juntamente com os pais, também os funcionários.

Cada escola é constituída pela interação das pessoas, caracteriza-se pelos objetivos que os participantes assumem e adquire a feição do ambiente em que a comunidade vive.

Ivanir é merendeira há nove anos e funcionária há cinco anos na escola Ayrton Senna. Considera que a escola é democrática e popular porque também ela, como funcionária, vem fazendo o trabalho pedagógico. Contribui com seu trabalho profissional, preparando a alimentação e mantendo o conforto do ambiente. Mas também sua militância e sua experiência de vida vêm sendo valorizadas na elaboração de conhecimentos e na formação dos estudantes, através de palestras sobre racismo, violência, sexualidade.

Gilberto é responsável pela criação da horta comunitária: a escola tem uma área de 618 m² própria para agricultura. Utilizando seus conhecimentos de agricultura, criou 25 espaços para três canteiros de 5m x 1m. Nesses canteiros, pessoas da comunidade cultivam hortaliças. Da produção, cada hortelão retira 2/3 para consumo próprio e entrega 1/3 para a merenda escolar. A dimensão educativa dessa atividade produtiva estende-se, desta maneira, também à comunidade do bairro.

Cada escola é constituída pela ação e pela interação das pessoas que dela participam. Mas também adquire a feição do ambiente em que se situa e se caracteriza pelos objetivos que a comunidade escolar assume. Assim, as escolas rurais se organizam de modo diferenciado das escolas urbanas.

A escola Canadá é uma escola agrícola, instalada em uma área de 58 hectares, e funciona em regime de internato e semi-internato. São 42 professores e 300 estudantes. Todos se conhecem pelo nome. Mantém oito turmas de 1^a a 4^a séries em turmas únicas. Cada turma desenvolve, de maneira articulada e alternada, atividade didática teórica e atividade prática, em torno de vários projetos: piscicultura, produção de alimentos, criação de gado leiteiro, entre outros. Sua filosofia é formar cidadãos conscientes, comprometidos com o ecossistema e com a pessoa, na agricultura.

Já a Escola Itinerante assume a feição do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A Escola Itinerante nasceu em 1979 com a luta pela terra. Vem desenvolvendo a concepção de escola voltada para a luta por terra e trabalho. Em 1995, durante o I Congresso Infanto-Juvenil do MST, em Viamão, foi elaborado o Projeto Político Pedagógico da Escola Itinerante, que foi legalizada em 1996.

Como acontece o dia-a-dia da Escola Itinerante?

Os acampamentos são organizados em núcleos de 20 a 40 famílias. As crianças participam de todas as atividades. Os trabalhos do acampamento são organizados e desenvolvidos por equipes de coordenação, de higiene, barracos, saúde, educação...

O coletivo dos educadores, formado por voluntários do acampamento, desenvolve o trabalho educativo. A organização curricular se baseia em temas geradores. Desenvolve-se por etapas, a partir do início do acampamento. Os pais sugerem temas para estudos, de acordo com as discussões do acampamento: *o que queremos que os nossos filhos e filhas aprendam? Que escola queremos para nossos filhos no campo? O que precisam aprender para superar a situação em que vivemos sem terra, sem trabalho, sem dignidade?*

O primeiro passo é conhecer a história das crianças. Em geral são crianças sofridas, que precisam de muita atenção. Os educadores logo se tornam referência para elas. Ao mesmo tempo, as atividades educativas contribuem para que as crianças se auto-organizem e se insiram na vida do acampamento.

A Escola Itinerante, pela sua própria constituição ligada à vida dinâmica de acampamento e à luta do movimento de trabalhadores rurais, apresenta uma perspectiva inovadora e fortemente marcada pela busca de coesão entre os acampados, os educadores e as crianças. Essa dinâmica rompe com a tradicional organização hierárquica e disciplinar da escola, criando formas de participação de todos – crianças, pais, educadores – na vida da escola e da nova comunidade.

É nesta mesma direção, de ampliação dos mecanismos institucionais de participação, que o processo da Constituinte Escolar vem estimulando inovações na organização escolar.

Em muitas escolas, o Conselho Escolar tornou-se o principal órgão de decisão, do qual todos podem participar. A diretoria deixou de ser um centro de decisões, para ser a articuladora e executora das deliberações do Conselho Escolar. Deste participam representantes de pais, alunos, professores e funcionários, que por

**Somos todos
anjos de uma
asa só. Só pode-
mos voar quan-
do nos abra-
çamos uns aos
outros!**

sua vez se organizam em Associação de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis, Colegiados de professores e de funcionários.

A implementação do Conselho de Escola amplia as possibilidades para a participação de todos na construção da comunidade escolar. É um processo assumido por todos os integrantes da escola, não só pelos professores. *Se batalharmos juntos com os professores, podemos melhorar o colégio. Os alunos também têm voz e vez* – afirma Cláudia, aluna da Escola Açorianos, em Viamão. E conclui: *Somos todos anjos de uma asa só. Só podemos voar quando nos abraçamos uns aos outros!*

Maria Beatriz, funcionária da mesma escola, dá seu testemunho: *achávamos que nossa tarefa era só limpar, cozinhar... mas descobrimos que podemos nos engajar e participar na elaboração do currículo e no desenvolvimento da avaliação. Todos os funcionários também têm voz e vez no Conselho Escolar, para definir a direção do trabalho educativo.*

Importante é que todos participem das deliberações. Com isso, cresce a consciência do significado da participação na vida da escola: *A escola tem que ter a minha cara. A escola também é minha. Por isso participo da discussão do Regimento* – afirma um pai de aluno da Escola Açorianos.

Problemas e conflitos é que não faltam. Só que eles podem ser assumidos não como obstáculos, mas como combustível para a construção do processo pedagógico.

A escola Açorianos é uma escola estadual de ensino médio, em Viamão, que atende a cerca de 2400 alunos, contando com 75 professores e 15 funcionários. Uma das dificuldades que encontrou na elaboração do Plano Político Pedagógico foi a dificuldade que os pais tinham para entender o processo de elaboração do Regimento Escolar. Elaboraram, então, uma “cartilha”, explicando os passos para se fazer o Regimento Escolar. E esse simples caderno se tornou um poderoso instrumento de mobilização e construção da vida na escola.

Um dos empecilhos para estabelecer o clima de diálogo vem da dificuldade de entendimento e de acolhimento entre colegas: *O que este cara quer? Ele não é melhor do que eu!* Professor André, da Escola Açorianos, propõe: *É preciso ter humildade, e reconhecer que o outro também tem verdade. Somos todos pertencentes a grupos diferentes, com objetivos políticos diferentes*

e às vezes opostos. Mas na escola temos um objetivo comum: *educar*. Na construção democrática da escola, é preciso cooperação, tolerância, respeito e humildade, pois *nenhum de nós é melhor do que nós todos juntos!*

Em várias escolas, os professores reclamam da falta de tempo para elaborar os planos de estudos. Na Escola Canadá, encontraram um modo de resolver este problema: o planejamento é feito principalmente nos dias de formação e nos recreios pedagógicos de quinze em quinze dias. Na Escola Itinerante, em cada acampamento se desenvolvem oficinas para planejamento e avaliação. Realizam-se também dois encontros estaduais por ano, para formação dos educadores, assim como encontros infante-juvenis, dos chamados “sem-terrinhas”. Nesses encontros de educadores, assim como nos de crianças e adolescentes, são elaborados os fundamentos e as diretrizes das práticas educativas nos acampamentos e assentamentos do MST.

Na Escola Morada do Vale II, a mobilização da comunidade escolar começou pela discussão do calendário escolar. Todos foram convidados a participar dos debates. Organizado o calendário, formaram-se comissões mistas de alunos, pais, funcionários e professores. Neste ritmo, começaram a formular o Plano Político Pedagógico da Escola, embalados pelo processo da Constituinte Escolar.

Já na Escola Luiz de Camões, de Cachoeirinha, não houve unanimidade quanto à formulação do calendário. Entretanto a discussão dos problemas enfrentados quanto ao horário do curso noturno levou a soluções criativas. O horário regular é das 19h às 23h. Mas geralmente os alunos atrasam e chegam somente às 19:30h, devido a seus horários de trabalho. E às 22:30h começam as saídas antecipadas, devido aos horários de ônibus para voltar para casa. O problema foi discutido e encaminhado em assembléia. Decidiu-se que a primeira e a última meia-hora não são obrigatórias. Mas esse período inicial e final se tornou um tempo dedicado à realização de trabalhos em grupos, com acompanhamento dos professores ao lon-

Como trabalhar com falta de material, sem tempo para a reunião, com o quadro de horário disperso, com professores mal remunerados?

go do semestre. Para cada semestre, uma área de estudo assume a supervisão dos trabalhos. Os alunos criaram, assim, um espaço próprio de atividade autônoma, com grande aproveitamento pedagógico: surgiu um grupo de teatro com o sugestivo nome *Já que tá, que vai!*, um outro grupo se dedicou à construção de maquetes, e assim por diante.

Emergem ainda muitos problemas, cujas soluções dependem de mudanças políticas mais amplas e estruturais: *como trabalhar com falta de material, sem tempo para a reunião, com o quadro de horário disperso, com professores mal remunerados e em contínua rotatividade?* – questiona um professor. São problemas reais que precisam ser explicitados e enfrentados seriamente pelas instâncias políticas responsáveis pelo provimento dos recursos e das medidas

Com os “temas geradores”, busca-se desenvolver os processos de aprendizagem a partir dos problemas vividos.

necessárias à sua solução. O importante, porém, é não tomar a questão como desculpa para o imobilismo, na espera de soluções paternalistas. *O problema é de todos e por isso as soluções devem ser pensadas por todos* – enfatiza uma funcionária. *Contra o pacto da mediocridade é preciso construir o pacto da participação!*

Além das estratégias participativas que estão se desenvolvendo na organização administrativa da Escola – como o Conselho Escolar; as assembleias; as associações específicas e as comissões mistas de estudantes, professores, funcionários, pais – a construção da escola democrática e popular parece estar revolucionando o próprio processo pedagógico, constituído pelo que tradicionalmente se chama de conteúdo e método da educação.

Ao se falar em conteúdo e método de ensino, pode-se pressupor que a educação signifique a transferência de informações prontas de uma pessoa que sabe, para outra que não sabe. Lembra a concepção que Paulo Freire chamava de educação bancária. Mas se assumimos que as pessoas se educam em relação, mediatizadas pelos desafios que enfrentam no mundo, colocamos em cheque a concepção de conhecimento como “coisa” e a de educação como “repasso de comunicados”. De uma concepção autoritária,

passamos para uma visão dialógica de educação. De uma concepção de conhecimento como objeto, passamos a uma concepção de conhecimento como relação entre pessoas e como processo construído historicamente. Por isso, é preferível usar o termo *temas*, ao invés de *conteúdo*, para indicar os desafios e problemas em torno dos quais as pessoas se mobilizam; e o termo *estratégias*, ao invés de *método*, para indicar os dispositivos e as formas de organização que as pessoas desenvolvem para compreender e enfrentar os problemas comuns.

Assim, nos perguntamos: que estratégias de organização vêm sendo desenvolvidas pelas escolas para enunciar e equacionar os desafios que vêm enfrentando em sua prática e em seu contexto social?

Várias escolas fizeram a opção por organizar seus processos educativos com base nos temas geradores. Ou seja, buscam desenvolver os processos de aprendizagem a partir dos problemas e desafios que surgem no cotidiano vivido. O tema gerador significa, pois, uma questão que, assumida pelo grupo, gera um processo de discussão e de pesquisa que conduz à tomada de decisões, a partir das quais as pessoas se organizam para enfrentar o problema.

Os professores da Escola Canadá indicam como isso acontece no dia-a-dia: *Quando aparece um problema, por exemplo, o de roubo na escola, discute-se o problema, no período de aula de um professor, e encaminham-se as propostas de solução com a turma.*

Além desses encaminhamentos que ocorrem frente a situações imprevistas mais localizadas, é possível desenvolver um processo mais amplo de planejamento e desenvolvimento dos temas geradores.

O primeiro passo – diz professora Sonia, da Escola Açorianos – é construir os objetivos de cada um, o que cada pessoa quer buscar. Pois, se uma pessoa não sabe a que ponto se dirige, nenhum vento lhe será favorável!

O que conta, em primeiro lugar, é a realidade e os interesses das pessoas da comunidade. O restante – a programação, as atividades educativas, a avaliação... – se constrói a partir e em função dos principais desafios assumidos pelos grupos. Só assim, a produção do conhecimento se torna socialmente útil. Uma Professora de Geografia da Escola Luiz de Camões afirma que a

atividade realizada pelos alunos a partir de seus interesses permitiu a eles construir relação entre os trabalhos pedagógicos e a realidade em que vivem. Assim, o estudo que fizeram sobre a história e a localização do município em que vivem se tornou significativo porque partiu de questões vividas por eles nesta região.

Os temas geradores possibilitam o trabalho interdisciplinar

Embora seja uma proposta pedagógica relativamente simples, o trabalho com os temas geradores pressupõe estratégia e paciência para ser desenvolvido na escola. Acostumados a se apoiar em programas pré-definidos e em temáticas cristalizadas, os professores sentem-se inseguros ao se aventurar a estudar com os estudantes problemas para os quais não detêm, de antemão, explicações e respostas prontas. Algumas escolas tentaram trabalhar com a proposta de temas geradores, mas não conseguiram levar adiante. *Antes de mudar a mão, é preciso mudar a cabeça e o coração!* Só se consegue agir de modo diferente, quando motivado pela sensibilidade e orientado pela inteligência. E tal construção, para se tornar uma proposta coletiva, sem cair no modismo, leva tempo e exige dedicação.

É preciso paciência – diz professor Marcos, coordenador pedagógico da Escola Setembrina – *para cada professor entender como trabalhar com problemas emergentes da vida da comunidade, sem abandonar os parâmetros pedagógicos já conhecidos.* Professor Marcos explica que o importante é, em primeiro lugar, construir um projeto político pedagógico que consiga focalizar os principais desafios da comunidade escolar e circunvizinha. Tematizando-se tais desafios em temas geradores, torna-se possível trabalhar pedagogicamente com todas as áreas do conhecimento em uma única atividade. Assim, na elaboração do Plano Político Pedagógico da Escola, a partir da pesquisa e da discussão dos problemas da comunidade, foram definidos, para aquele semestre, três temas: *Eu cidadão do Mundo, Água e Meio-ambiente.* Esses temas se tornaram referência para o desenvolvimento de projetos de estudos, que foram sendo articulados em torno de um grande tema, *Vida.*

Maria Fernanda, professora de Matemática na sexta série, conta como trabalha interdisciplinarmente o tema gerador *Água.* Na

História, estudam as grandes navegações, as epidemias. Em Ciências, estudam os seres e as bactérias que vivem na água. Em Geografia, os lugares e regiões. Nas Artes, estudam a representação dos seres aquáticos. Em Matemática, os estudantes analisam os problemas relativos ao uso da água. Desenvolvem cálculos para controlar o consumo de água, aprendendo inclusive operações matemáticas com decimais. Passam a entender porque muitas famílias têm suas contas de água cortadas, quando consomem mais do que podem pagar. E daí começam a questionar também as relações econômicas e políticas que produzem a pobreza: *o que faz com que, num país com tanta fartura, grande parte da população não tenha sequer condições de pagar a água que consome?*

A professora de Português conta que, em relação ao tema *Água*, os grupos estudaram a importância da água no Brasil, a poluição e despoluição no Rio Guaíba. Realizaram pesquisas em revistas, livros, solicitando palestras. Produziram um texto informativo. Quando os estudantes apresentaram os resultados do trabalho de grupo, falavam com conhecimento do assunto. E encaminharam aos governantes uma moção para implementar as leis relativas ao uso da água na comunidade.

A professora Nádia, da Escola Canadá, é professora de Matemática e faz assessoria religiosa. Ela explica seus objetivos pedagógicos. Com a assessoria religiosa, pretende ajudar os alunos a aprenderem a se expressar, a questionar a realidade, a apresentar-se publicamente. Também pretende desenvolver as atitudes de respeito mútuo, de disciplina na convivência social, compreendendo os valores e os sentidos da formação familiar. Já na Matemática, pretende promover o desenvolvimento do raciocínio lógico e a compreensão da realidade.

A partir da sua disciplina, Professora Nádia procura desenvolver a integração com outras disciplinas sempre que houver necessidade. Por exemplo, na aula de Matemática, ao estudar a raiz quadrada, articula-se com o ensino de Português, no estudo dos radicais; com a História, no estudo dos pensadores; com Geografia, no estudo dos locais em que foram feitas experiências matemáticas, assim como sua aplicação como, por exemplo, nas pirâmides, nos cálculos agrários; com as Artes, aguçando a criatividade e a compreensão das relações matemáticas nas obras de arte, como a das proporções na escultura; com o Ensino Religioso, analisando os

textos sagrados que apresentam os conceitos estudados. Também nas atividades práticas, os conceitos são aprendidos na sua aplicação operacional. Por exemplo, o uso da regra de três para calcular a proporção dos ingredientes de forma adequada à transformação do leite em rapadura.

É possível observar que a busca de integração interdisciplinar na escola Setembrina se dá com base em temas, formulados no Plano Político Pedagógico a partir de problemas vividos pela comunidade. Já na Escola Canadá a interdisciplinaridade é buscada a partir de temas ligados às áreas de estudo. É o que chamam de mapas conceituais. Escolhem os temas relevantes, definem palavras-chave que indicam conceitos a serem trabalhados de modo transdisciplinar.

Do trabalho como castigo ao labor criativo

O importante, porém, neste trabalho educativo, centrado em problemas da realidade ou em conceitos, é alimentar a relação entre teoria e prática. Importante é buscar sempre articular os temas que estão sendo estudados com a realidade histórico-social e com a vivência da comunidade em que se inserem.

A Escola Canadá tem uma especificidade: é uma escola agrícola e grande parte da formação dos estudantes se dá no desenvolvimento dos trabalhos de piscicultura, agricultura, criação de gado, elaboração de laticínios. Tais atividades adquirem caráter pedagógico na medida em que seu sentido é explicitado e assumido pelas pessoas que as fazem. *A escola – diz a professora Saionara – é como a casa, onde todos podem participar, à sua maneira, das tarefas necessárias para sua manutenção. O que cada um fizer vai refletir na vida e no fazer de todos. Por exemplo, a limpeza do refeitório pode ser uma atividade chata, como em casa, mas é um serviço necessário para a vida da comunidade. É preciso sempre explicitar o significado de cada atividade e o quanto tal atividade está sendo útil para todos. Hoje é uma pessoa que está executando esta tarefa. No dia seguinte vai ser outra. Se cada um fizer com prazer, com carinho, vai trazer benefícios e prazer para todos. Assim é também nos trabalhos de fazer o pão, de transformar o leite, tarefas estas que os meninos fazem de madrugada, mas que se tornam gratificantes na medida em que eles, juntamente com seus*

colegas, consomem, no café da manhã, o pão e o iogurte que eles mesmos produziram.

Essas atividades, embora úteis e necessárias à comunidade, não devem ser impostas como mera obrigação. Ao desenvolvê-las, é preciso considerar a subjetividade de cada pessoa, seus interesses, suas aptidões, seus limites. *É importante trabalhar no que gosta. Descobrir o que gostamos e fazer o melhor possível. Temos conflitos: tem dias em que parece que não vamos vencer. Mas quando professor e estudantes estão envolvidos, e são sensíveis, as coisas avançam. Cabe a nós contribuir para que outros se tornem sensíveis. A escola é, justamente, a vida!* – afirma a professora Nádia, da Escola Canadá.

Talvez esteja aí uma indicação de como o trabalho deixa de ser um castigo e se torna criativo e prazeroso. O trabalho é uma pena, um castigo, quando se desenvolve como um processo de alienação. O trabalho alienado é a atividade cujo sentido não se identifica com as finalidades (necessidades, opções, interesses) da pessoa que o realiza. Isso acontece quando o trabalhador não participa ativamente das deliberações que constituem as finalidades e os critérios de controle da ação que ele desenvolve. Tal perda de sentido do próprio trabalho se torna possível na medida em que o trabalhador é expropriado dos instrumentos necessários para realizar sua atividade, e é despojado dos produtos que elabora. Sem o controle dos instrumentos, da direção e dos resultados de seu trabalho, a pessoa perde a própria autonomia: sem controle de sua atividade, o trabalhador torna-se, ele mesmo, alienado. E é facilmente sujeitado ao comando e à exploração exercida por outros. Neste sentido, se torna muito pertinente o significado etimológico do termo *trabalho*, que decorre do termo latino *tripallium*, que indica um instrumento de tortura formado por três paus.

Na medida em que assume o controle do processo de definição das finalidades de sua ação, apropriando-se dos instrumentos utilizados, assim como dos produtos elaborados, a pessoa se reconhece no processo e no resultado de sua atividade. O trabalho, assim, se torna um meio fundamental de realização humana. O trabalho se revela, então, como “labor”, esforço de produção criativa, contrapondo-se à conotação de castigo, de “trabalho alienado”.

Teria sido este o significado da descoberta do Professor Francisco, professor de Geografia na Escola Canadá? Ele vem desenvolvendo sistemas de jogos, para promover o aprendizado em forma de brincadeira. *Fiquei emocionado com os alunos quietos e envergonhados. Dediquei-me a inventar formas de motivá-los. Acabei desenvolvendo processos de aprendizagem mediante jogos. Com isso, os alunos aprendem de maneira alegre e ativa. Se não trabalho com jogos, os alunos reclamam. O jogo do cochicho, o autódromo, coletando... O jogo permite integrar disciplinas como Geografia, História, Educação Artística etc. O professor aprende com os alunos. E os alunos passam a respeitar mais o professor. Os alunos ficam mais atentos e aprendem brincando. Aumenta o rendimento escolar e a maior valorização do professor. Com este sistema, a aprovação dos alunos em nossa escola aumentou de 65% para 94%.*

Por que a atividade lúdica se torna prazerosa e educativa? Não seria porque facilita a todos os participantes se tornarem sujeitos ativos dessas atividades, definindo seus significados, apropriando-se dos instrumentos, curtindo os resultados, construindo-se como autores e co-autores do trabalho educativo?

Neste sentido, evidencia-se o valor central do processo educativo: as pessoas que estabelecem relações entre si, explicitando e negociando os significados de suas atividades, construindo os instrumentos de ação e de relações, apropriando-se dos resultados coletivos, nos quais cada um se reconhece como co-autor e co-proprietário.

Assim, o uso dos instrumentos e dos métodos didáticos é ressignificado. Os meios técnicos deixam de ser o centro principal do processo educativo, como indica a professora Elizabeth, da Escola Itinerante: *Não temos um livro nem material didático específico. Trabalhamos com os recursos disponíveis. Mesmo debaixo de uma árvore, trabalhamos com as letras e palavras, escrevendo na areia. Construímos a seqüência de temas de acordo com a realidade. O conteúdo é aprendido segundo a relevância para a vida de cada um.* Mas também se reconhece a devida importância dos recursos didáticos como apoio às relações educativas. Neste sentido, experiências vêm sendo desenvolvidas, seja no âmbito da atividade de cada professor, como é o caso dos jogos utilizados pelo Prof. Francisco, seja no âmbito da

organização do próprio currículo escolar, como é o caso das salas-ambiente.

As salas-ambiente são organizadas com instrumentos didáticos e pedagógicos adequados para facilitar o desenvolvimento de determinados conhecimentos. Em cada sala há um professor responsável, bem preparado para ensinar e orientar os alunos em uma determinada área de estudos. As turmas de alunos se movimentam, de acordo com os objetivos pedagógicos, para realizar atividades didáticas em uma sala específica. Desta maneira se forma uma consciência coletiva do grupo de alunos. Por outro lado, o professor é valorizado e respeitado pela competência que coloca à disposição dos alunos.

Outra proposta metodológica semelhante é a de oficinas e projetos pedagógicos. A professora Genair, da Escola Morada do Vale II, narra a experiência de sua escola. *A partir de um trabalho sobre um tema comum, foram sendo propostos diferentes projetos e oficinas (sobre sexualidade, droga, cidadania), em que os estudantes se inseriram espontaneamente. Num dia em que faltou luz, quebrou-se a rotina, as pessoas começaram a conversar e surgiram novas propostas. Cada um foi escolhendo entre os diferentes projetos: confecção de flores de balão, farmácia caseira, mostra cultural, jornal do bairro...* Já Sônia, orientadora educacional no curso noturno da escola Ayrton Senna da Silva, trabalha com crianças em situação de rua. Não só dá conceitos, mas constrói saídas junto com as crianças. Uma dessas saídas é a oficina de artesanato. Na escola Açorianos, professores, estudantes e funcionários desenvolvem vários projetos, entre eles, presépio vivo, coral, campanha de alimentos...

Alterar o sistema classificatório de exames implica a mudança da própria estrutura de poder que tem sustentado as relações escolares

A avaliação, assim como o planejamento, é um ponto nevrálgico do processo educativo. O grande desafio que se coloca é o de superar a tradicional forma escolar de conduzir o processo educativo, em que os indivíduos são sujeitados a programas definidos aprioristicamente e submetidos a processos de controle

hierárquicos e excludentes. O tradicional sistema de avaliação, baseado em provas e exames, resulta em classificação dos indivíduos. A partir de critérios homogêneos de rendimento, os educandos são identificados segundo uma escala de valoração que privilegia alguns (por desempenhos específicos, que são destacados como exemplares), aprova os que se adequam às regras e reprova os que se desviam das normas. Tal enquadramento impede que as pessoas elaborem e negociem, de modo diferenciado e criativo, os significados de suas atividades, que se apropriem criativamente dos instrumentos de produção coletiva e que se reconheçam nos seus produtos, enfim, que construam ambientes e relacionamentos educativos gratificantes.

Não é fácil superar o dispositivo de sujeição constituído pelo sistema de exames e notas escolares. Porque a sujeição disciplinar tem sido uma dimensão estratégica das relações de poder na escola. Alterar o sistema classificatório de exames implica a mudança da própria estrutura de poder que tem sustentado as relações escolares. Implica superar uma estrutura hierárquica, autoritária e sujeitadora, e construir novos dispositivos educacionais que sustentem relações democráticas, dialógicas e emancipatórias. O processo de mudança destas relações de poder configura experiências ambivalentes, paradoxais, na medida em que emergem dispositivos e experiências de caráter libertador, emancipador, num contexto em que continuam em vigência regras autoritárias e sujeitadoras.

As experiências pedagógicas mais significativas que vêm se desenvolvendo no contexto da Constituinte Escolar indicam o desenvolvimento de propostas democráticas de construção do processo educativo na escola. Na instituição do Conselho Escolar; na valorização às associações de estudantes, de professores, de funcionários e de pais; nas atividades de construção do Projeto Político Pedagógico; nas diferentes propostas metodológicas de trabalho educativo com temas geradores, oficinas e projetos; em todas essas experiências vêm se criando, mesmo que de modo conflitivo e ambivalente, estratégias que facilitam a participação e o reconhecimento de todos os integrantes da comunidade educativa como co-autores do processo educativo.

A professora Genair, da Escola Morada do Vale II, diz que os professores, estudantes e pais procuram desenvolver uma

avaliação contínua, participativa e emancipatória. Não se dá nota. Conversa-se com os estudantes e com os pais.

Na Escola Canadá a avaliação escolar é encarada a partir do processo de planejamento pedagógico. *Trabalhamos exaustivamente os princípios* – explica a professora Saionara. *A elaboração do currículo baseia-se na consciência de que o mais importante é a maneira como o trabalho é realizado em sala de aula. Esse trabalho educativo é a base para a avaliação. A avaliação é processual. Nota é apenas o instrumento legal. O que interessa é a mudança de comportamento perante os problemas enfrentados. Não é a prova que interessa, é o trabalho. Sempre se discute com os alunos, com os professores, em assembleias. Os registros são feitos em atas. Trata-se de se fazer e refazer o trabalho educativo, re-elaborando-se o conhecimento adquirido. Deste modo, a aprovação cresceu para 94%. Nádia, professora dessa mesma escola, diz: Na disciplina de Matemática, proponho contribuir para que os alunos desenvolvam o pensamento lógico, o raciocínio, a busca de conhecimento, ligados à vida e à auto-estima. A avaliação ajuda a compreender os limites, a motivar para superá-los, a valorizar as conquistas.*

Procura-se desenvolver instrumentos mais complexos de registro do processo educativo, voltado para identificar os desafios que emergem na busca de realizar os objetivos construídos participativamente, de tal modo que todos os agentes envolvidos possam deliberar e re-planejar suas ações de modo crítico e articulado com os parceiros. Não se trata mais de averiguar a adequação de comportamentos individuais a normas preestabelecidas para classificar e excluir os sujeitos. *Existem coisas mais significativas na escola do que o fechamento da nota*, afirma um professor da Escola Açorianos.

Na Escola Itinerante, explica professora Elizabeth, a avaliação dos estudantes é feita a partir do planejamento coletivo e com base num diário, onde se registra todo o processo de desenvolvimento do estudante no contexto do desenvolvimento de seu grupo. A partir desses dados é possível perceber as dificuldades enfrentadas, os avanços realizados em relação aos objetivos propostos no planejamento. Ao final, a avaliação é registrada, não por notas, mas mediante um parecer que acompanha a criança e constitui o registro legal de seu desenvolvimento escolar.

A gente percebe – diz professora Elizabeth – que as crianças estão crescendo, não através de testes, mas durante as atividades, quando elas começam a participar e a formular suas próprias idéias. Por exemplo, ao discutir um tema polêmico, debatem sem agressão, ouvindo um ao outro, argumentando as próprias idéias. Ou então, a sua dedicação à limpeza indica sua responsabilidade social pela produção da vida, do ambiente. O registro e a avaliação não se limitam a evidenciar o comportamento individual: constituem-se, sobretudo, em instrumentos de compreensão e de construção da história coletiva. A avaliação não é simplesmente um registro individualizado que serve para classificar e excluir. Pelo contrário, os dispositivos de avaliação se tornam instrumentos preciosos, mediante os quais o conjunto de educandos-educadores assume o controle da própria história coletiva.

Não dá para avaliar só com o boletim, através da nota – testemunham professores da Escola Setembrina. É preciso tempo para preparar a aula e desenvolver o processo de avaliação. No relatório de avaliação são registrados: a identificação do aluno; anotações do próprio aluno; avaliação dos parentes. São respondidas doze perguntas, formando-se gráficos, referentes à responsabilidade das tarefas; ao relacionamento dos colegas; ao respeito aos funcionários e professores; ao uso do material etc. Avaliação desse tipo explicita conflitos, gera debates, desestabiliza a rotina, mobiliza opções. Criar faz barulho. A gente sai da monotonia. Mas é gratificante, pois nosso aluno aprende. Demonstra inclusive maior pontualidade, assiduidade, cuidado com limpeza. E os pais vêm participar da vida da escola, porque vêm a motivação dos filhos.

Este parece ser, enfim, o principal sentido do processo que vem se desenvolvendo na Constituinte Escolar do Rio Grande do Sul: um processo que explicita conflitos requer opções e acalanta a construção de uma escola em que todos, e cada um na sua singularidade, podem reconhecer seus sonhos. Pois, como diz a canção, *sonho que se sonha só é sonho só; sonho que se sonha junto é realidade!*